

## UMA ANÁLISE DO ROMANCE GRÁFICO *RETALHOS* ENQUANTO AUTOBIOGRAFIA

## AN ANALYSIS OF THE GRAPHIC NOVEL *BLANKETS* AS AN AUTOBIOGRAPHY

Maiara Alvim de ALMEIDA<sup>1</sup>

**RESUMO:** No presente trabalho, iremos propor uma análise do romance gráfico *Retalhos*, do estadunidense Craig Thompson, abordando principalmente os aspectos pertinentes à autobiografia e à memória evocados no texto. Faremos menção às considerações teóricas de Phillipe Lejeune (2014) a respeito de autobiografia, e de Serge Doubrovsky (2014) sobre autoficção, a fim de embasar nossa discussão sobre a obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autobiografia. Autoficção. Romance Gráfico. Craig Thompson.

**ABSTRACT:** In this paper, we aim to analyze Craig Thompson's graphic novel *Blankets*, especially concerning the aspects related to the autobiography and memory found in the text. We shall mention the theoretical contributions of Phillipe Lejeune (2014) on autobiography, and of Serge Doubrovsky (2014) regarding his concept of autofiction, so as to help us in our investigation about this work.

**KEYWORDS:** Autobiography. Autofiction. Graphic Novel. Craig Thompson.

### Introdução

Falar sobre si mesmo é uma tarefa complicada. De uma forma ou de outra, maior parte das pessoas passará, ao longo de sua vida, por uma situação em que essa tarefa será necessária. Para alguns, pode ser simplesmente uma apresentação em um perfil de uma rede social; para outros, a questão pode tomar uma proporção e importância maiores, chegando a ser uma questão de criação intelectual. O mesmo diz respeito às memórias e experiências vividas: enquanto alguns se restringirão a guardá-las em fotografias em suas linhas do tempo do Facebook, outros poderão decidir relatá-las na forma de livro, filme ou até mesmo histórias em quadrinhos. No caso do romancista gráfico estadunidense Craig Thompson, suas memórias e traumas foram reunidos e publicados na forma de romance gráfico. Nascia, assim, *Retalhos* (*Blankets*, no original), publicado em 2003. A obra foi aclamada pela crítica, recebendo prêmios como o Eisner, um dos mais importantes para as histórias em quadrinhos.

---

1. Doutoranda em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-graduação em Letras - Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil / Professora do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal do Rio de Janeiro - Campus Avançado Resende, Resende, Rio de Janeiro, Brasil - email: maiaralvim@gmail.com.

Sendo assim, contemplaremos no presente artigo algumas questões pertinentes aos aspectos autobiográficos de *Retalhos*. Para nossa análise, utilizaremos a edição brasileira publicada pelo selo de histórias em quadrinhos da Companhia das Letras, a *Quadrinhos na Cia.*, de 2009, com tradução de Érico de Assis. Apresentaremos um breve resumo da obra, com a finalidade de familiarizar nosso leitor com seu enredo e, também, apontar alguns eventos cruciais para nossa análise. Vemos também a necessidade de fazer uma breve divagação a respeito do gênero em que se insere – o romance gráfico – visto que tem suas origens ligadas a narrativas autobiográficas, e também por conta do diálogo que proporciona entre quadrinhos e literatura.

Após essas primeiras considerações, discorreremos a respeito de conceitos pertinentes para nossa leitura, tais como o de autobiografia, de Phillipe Lejeune (2014) e autoficção, Serge Doubrovsky (2014). Quaisquer outros conceitos relevantes para nossa leitura também serão trazidos à tona e discutidos ao longo do texto.

## 1. Os *Retalhos* de Craig Thompson

Craig Thompson, estadunidense nascido em 1975, apresenta-se como “nove- lista gráfico”, e não como “quadrinista”, uma escolha bastante interessante. O autor já recebeu diversos prêmios por suas obras, incluindo três prêmios Eisner. Além de *Retalhos*, publicou mais três romances gráficos, sendo o mais recente *Habibi*, de 2011 – sua única obra que não possui relação direta ou indireta com suas memórias.

*Retalhos* – ou *Blankets*, no original – foi inicialmente publicada em 2003, embora seu processo de criação tenha demorado quatro anos. A história conta com nove capítulos e narra a vida do autor, Craig, acompanhando-a até o início de sua fase adulta.

Desde sua infância pobre em uma cidade do interior da Wisconsin, a vida de Craig é marcada pela religião cristã. Sua família era protestante fervorosa. Sua fé e valores eram compartilhados pela comunidade da pequena cidade em que viviam. Além disso, tanto Craig quanto seu irmão mais novo eram crianças pequenas e fracas. Isso os tornava alvo fácil para os valentões da escola, ou até mesmo para o menino que servia de babá dos irmãos, que se aproveitam da situação para abusá-los sexualmente. Craig retoma esse evento com frequência, acometido pela culpa de não ter protegido o irmão mais novo. Até mesmo em um ambiente em que o menino deveria sentir-se protegido, no acampamento cristão para o qual ia todos os anos, Craig sentia-se excluído. Nesse contexto, a exclusão lhe doía mais ainda.

O apoio encontrado pelo jovem Craig para lidar com as tristezas de sua realidade era a religião e a oração, sob a promessa de que seu tempo na terra, seu corpo e seu sofrimento eram temporários. O que realmente importava é que haveria um paraíso eterno o esperando com uma promessa de alegria e tranquilidade.

Além da memória do *bullying* sofrido da parte dos colegas, as represálias dos mais velhos também são relatadas por Thompson – tais como no caso em que a professora lhe dá uma nota baixa por ter feito um poema sobre pessoas comendo as próprias fezes, ou quando os pais o chamam para conversar por conta de um desenho feito por Craig que retratava uma mulher nua. O garoto mostra-se especialmente chateado nesse último caso, pois teria desapontado Jesus. Até mesmo sua vontade de desenhar esbarra nas implicações religiosas, afinal tudo já havia sido desenhado por Deus, segundo sua professora.

A situação do menino não mudou com a chegada da adolescência. Ele tornou-se um jovem introvertido e reservado, que ainda se agarrava à promessa de uma vida eterna melhor. O autor também relata como se tornara distante do irmão, com quem dividiu um quarto e uma cama por boa parte da infância.

Nesse ponto das memórias de Thompson, surge uma personagem crucial em seu processo de amadurecimento: Raina, uma jovem que o protagonista conheceu no acampamento de verão. A garota, que mora em outro estado, é bastante diferente de Craig: sociável, impulsiva, ávida por novas experiências, atenciosa com os irmãos, mas que tem problemas de ordem pessoal. Ao longo da narrativa, descobrimos que seus pais estão se separando, que ela tem o hábito de matar aulas, dentre outros comportamentos.

Entretanto, Craig apaixonou-se por Raina, que retribui seu sentimento até certo ponto – algo demonstrado de maneira belíssima pelo autor em uma passagem em que Craig declara seu amor e a fala em seu balão está numa fonte que simula uma letra feita a mão, autoral e repleta de afetos, enquanto a resposta de Raina vem com uma fonte de máquina de escrever, considerada fria e artificial por Craig.

Após trocar cartas por alguns meses, Craig recebeu a autorização para visitar Raina. Durante sua visita, Raina lhe dá um cobertor feito por ela mesma com diversos retalhos de diferentes tecidos. Os dois jovens iniciaram um romance; porém, buscavam manter discrição por conta da família da menina. Para conseguir um pouco mais de intimidade, Craig ia para o quarto da menina durante a noite e ficava lá até que o despertador tocasse de manhã, quando devia retornar ao quarto de visitas, para que não fossem levantadas suspeitas a respeito da natureza do relacionamento entre os dois.

Mesmo assim, o aspecto carnal da relação dos dois avança devagar – culminando em uma das últimas noites de Craig com a família de Raina, em que finalmente, os dois se entregam a carícias mais intensas. Além da questão de estarem sempre na companhia de outras pessoas, Craig sente-se pressionado pela culpa e pelo pecado que seria desejar Raina – que pode ser ilustrado pelo trecho em que ele conversa com ela a respeito de como se sente, associando seu sentimento à luxúria, mas sendo tranquilizado por ela.

Figura 1: Craig fala com Raina sobre tentação e culpa.



Fonte: THOMPSON, Craig. *Retalhos*. Trad. Érico Assis. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2009.

Após retornar a sua casa e à sua vida normal, Craig tentou manter o contato com Raina, que dizia sentir-se pressionada por um relacionamento à distância e por outras questões pessoais, como o divórcio de seus pais. O processo de rompimento com a moça é relatado na obra em um paralelo com o mito da caverna de Platão, em que Craig se encontra diante daquilo que seria a verdade – a vida real, a escola, as obrigações que o esperavam na fase adulta que se aproximava - e não mais as sombras de seu relacionamento adolescente com Raina durante as duas semanas que passou em sua casa. Eventualmente, Craig decidiu “romper” seu laço com Raina, queimando as lembranças que tinha dela. Contudo, não tem

coragem de queimar a colcha de retalhos, que guardou n'O Quartinho, um cômodo da casa em que o pai colocava o autor e o irmão de castigo. O amadurecimento e a experiência com Raina também o levaram a se reaproximar do irmão.

Ao chegar à idade de ir para a universidade, Craig depara-se com a pressão dos membros de sua comunidade, inclusive do pastor de sua igreja, para que procure uma vida seminarista, ou pelo menos uma universidade cristã, uma vez que as universidades tradicionais estariam repletas de elementos que levariam ao pecado. Os questionamentos do jovem rapaz começaram a ir de encontro àquilo pregado por seu pastor e por seus pais. Uma de suas maiores frustrações foi justamente sua descoberta de que a Bíblia havia passado por diferentes traduções e que, nesse processo, outras pessoas haviam acrescentado comentários. Ao descobrir que o que tinha em mãos não representava a palavra de Deus, pura e simples, ele relata ter sentido sua fé ruir.

Craig optou por ir para uma escola de artes e saiu da casa dos pais aos 20 anos. Eventualmente, deixou de frequentar as igrejas e de seguir a fé protestante, embora não tenha tido coragem de contar aos pais. O fechamento da narrativa das memórias de Craig se dá quando ele retorna a casa de sua infância para passar o Natal e encontra a colcha de retalhos de Raina.

O título original, *Blankets*, pode ser traduzido como “colchas” ou “lençóis”. As colchas são relevantes dentro da narrativa, evocando os relacionamentos significativos para Craig: o com seu irmão, com quem divide uma cama por grande parte da infância; e o com Raina, que faz uma colcha de retalhos de presente para ele – uma colcha que se torna um símbolo maior da ligação e dos sentimentos entre os dois. De maneira similar a como Raina junta diversos retalhos diferentes para fazer sua colcha, Thompson tece suas memórias ao longo da narrativa. O produto final seria uma colcha de retalhos de memórias sob a forma de romance gráfico.

Embora a obra construa-se de memórias da infância até a adolescência e início da vida adulta, as mesmas não se encontram dispostas na história cronologicamente, mas sim entremeadas. Em alguns capítulos, como no segundo e no terceiro, Thompson inicia sua narrativa com acontecimentos de sua infância, fazendo a transição para sua adolescência. Em outros, o Craig adolescente relata fatos de sua infância para Raina, por exemplo. Sua opção é organizar suas memórias com a finalidade de narrar seu crescimento psicológico, não somente físico. Os eventos são ordenados a fim de demonstrarem seu processo de educação e repressão, demonstrando sua culpa e sua aversão às coisas do mundo, passando pelos eventos que o levaram a questionar sua condição, tais como seu relacionamento com Raina, chegando a maturidade, em sua vida adulta afastado da fé.



Aspectos como esse, somados a outros elementos da narrativa, como o uso de paralelismos, metáforas verbais e visuais (tais como a de Adão e Eva projetados em Craig e Raina), traços leves e linguagem que se aproxima da poética justificariam o desejo de Thompson em se identificar enquanto romancista gráfico, e não quadrinista. Tal opção o colocaria numa categoria a parte, e nos leva a questionar o que seria um romance gráfico em si.

O termo, utilizado desde os anos 1960, mas oficializado por Will Eisner nos anos 1970 (WILLIAM, LYONS, 2010), é visto por alguns teóricos enquanto controverso, uma vez que seria apenas uma justificativa para legitimar culturalmente histórias em quadrinhos por pessoas que não gostariam de ser confundidas com o público-alvo “padrão” dos HQs: adolescentes do sexo masculino desajustados e deslocados, como colocam Goggin e Hassler-Forest (2010).

Entretanto, podemos identificar romances gráficos como uma forma legítima de produção de quadrinhos, estabelecida entre os anos 1970 e 1980 por conta de fatores de mercado, como a venda de quadrinhos diretamente para revendedores especializados, e as limitações impostas pelo *Comics Code Authority* – uma auto-censura dos quadrinhos que visava regular os conteúdos publicados e que impulsionou a publicação de álbuns independentes, segundo o pesquisador Stephen Weiner (2010). De certa forma, quadrinhos como “Retalhos” são herdeiros diretos dos quadrinhos independentes dos anos 1960 e 1970 - os que buscavam burlar as regulamentações oficiais da censura e lançar suas histórias com conteúdos adultos e alternativos. Autobiografias eram proeminentes nesse meio (WEINER, 2010). Além da questão de público e de mercado, outro diferencial dos romances gráficos seria justamente a busca de um maior grau de elaboração e sofisticação formal e estético, que pode ser identificado em *Retalhos*. Devemos lembrar aqui a profícua relação entre quadrinhos e literatura: pode-se afirmar que os romances gráficos são um dos principais pontos de diálogo entre as duas artes, apropriando-se de características de ambas as artes.

## 2. A questão da autobiografia

Conforme mencionamos na seção anterior, *Retalhos* insere-se em uma tradição de quadrinhos autobiográficos. A história narrada seria a da vida do autor, Craig Thompson. Entretanto, é necessário que questionemos o que entendemos por autobiografia, uma vez que esse é o rótulo sob o qual a obra é vendida.

Uma definição possível de autobiografia é a apresentada por Phillippe Lejeune em “O Pacto Autobiográfico”, publicado pela primeira vez em 1973: a de que autobiografia seria uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 16). Para que um texto se enquadrasse nessa categoria, ele deveria apresentar algumas características: 1) forma da linguagem; 2) assunto tratado; 3) situação do autor; 4) posição do autor. Alguns gêneros vizinhos, como memórias e autorretrato, não contemplariam todas essas características.

A intenção do teórico francês era distinguir autobiografia de romance autobiográfico – uma diferença que não existiria em termos de análise do texto interno, mas que seria verificada em outras instâncias. Uma autobiografia seria um texto que relata a vida do autor, enquanto o romance autobiográfico seria um texto de ficção em que o leitor é levado a acreditar que haja identidade entre autor e personagem, mas que tal identidade é negada ou não afirmada. O romance teria graus de semelhança, enquanto na autobiografia não haveria graus: “é tudo ou nada” (LEJEUNE, 2014[2008], p. 29).

Lejeune propõe, então, o que chama de pacto autobiográfico: uma afirmação no texto da identidade do autor enquanto narrador e autor enquanto personagem. Haveria diversas formas de se firmar esse pacto, mas todas visam honrar a assinatura. A identidade de nome entre autor/narrador/personagem poderia se dar implicitamente, como em títulos e nas primeiras páginas do texto, ou de modo patente, no que se refere ao nome assumido pelo narrador-personagem na narrativa. O segundo caso seria o de *Retalhos*.

Além do pacto autobiográfico, Lejeune conceitua também o que chama de pacto romanesco. Nesse caso, autor e personagem não possuem o mesmo nome. Há um atestado de ficcionalidade – como quando se opta por colocar na capa do livro o subtítulo “romance”. Assim, é proposto um quadro de possíveis categorias, e quais dessas categorias poderiam ser vistas enquanto autobiografias.

No que se refere à veracidade das informações ali apresentadas – até mesmo pela autobiografia e a biografia serem textos referenciais, que se propõem a oferecer informações verídicas – Lejeune apresenta o conceito de pacto referencial, através do qual se confirmaria que as informações apresentadas nas obras em questão são semelhantes ao real. No caso da autobiografia, o pacto referencial é dificilmente dissociado do pacto autobiográfico.

Ainda haveria uma terceira possibilidade de pacto, referente a uma forma indireta de pacto autobiográfico: para alguns escritores, o romance poderia ser mais revelador da verdade de um autor do que sua autobiografia, o que levaria os

leitores a lerem suas obras ficcionais sob uma perspectiva autobiográfica. Como ele coloca, “o leitor é assim convidado a ler os romances não apenas como *ficções* remetendo a uma verdade da ‘natureza humana’, mas também como fantasmas reveladores de um indivíduo” (LEJEUNE, 2014, p. 50). Isso caracterizaria o pacto fantasmático. Um de seus desdobramentos seria o surgimento de um espaço autobiográfico, pelo qual os romances de um autor são abrangidos, passando a serem lidos como autobiografias pelos leitores.

As considerações de Lejeune soam um tanto normativas. Em seus textos posteriores, como de “O Pacto Autobiográfico (Bis)” e “O Pacto Autobiográfico, 25 anos depois”, Lejeune retoma e retifica sua postura, refletindo a respeito de sua postura normativa ou ainda considerando uma atualização no corpus de estudo, que passaria a abranger “a história oral, estudos de gênero, os quadrinhos, Internet, tudo o que faz parte da nossa época” (LEJEUNE, 2014, p. 89).

Contudo, deve-se reconhecer que essa postura é justificável, uma vez que visava o reconhecimento e legitimação dos estudos da autobiografia. Trata-se de um passo necessário nos estudos de um gênero sua definição. É válido lembrar-se do contexto da época de publicação do primeiro texto: poucos anos antes, Rolande Barthes havia declarado a morte do autor, e correntes estruturalistas pregavam a análise do texto pelo texto. O autor e sua vida não deveriam ser considerados ao analisar uma obra.

Ao tomar as considerações iniciais de Lejeune a respeito da autobiografia, podemos fazer algumas considerações sobre a natureza de *Retalhos*. A narrativa é feita em primeira pessoa; autor, personagem principal e narrador compartilham o mesmo nome, e referem-se à mesma pessoa – Craig Thompson, romancista gráfico, cuja existência é real e verificável em cartório. Um pacto autobiográfico é estabelecido – não por um título ou subtítulo, mas nas primeiras partes da história, em que o personagem/narrador se identifica com o nome do autor estampado na capa da obra. Acredita-se que o que é relatado ali constitua a verdade factual, o que firmaria um pacto referencial.

Entretanto, há um aspecto em *Retalhos* que iria além do simples registro da vida de um indivíduo por ele mesmo. Há um trabalho estético na composição da obra que abarca uma elaboração artística e literária – esperada, considerando a escolha do gênero escolhido por Thompson, o romance gráfico. Neste ponto, seria interessante considerarmos a questão da autoficção.

O termo “autoficção” foi cunhado e utilizado pela primeira vez pelo escritor francês Serge Doubrovsky na quarta capa de seu livro *Fils*, em 1977. A obra do professor e romancista seria seu exercício em preencher uma das casas



vazias do quadro proposto por Lejeune no “Pacto” e 1973, “combinando o pacto romanesco e o emprego do próprio nome” (LEJEUNE, 2014, p. 69). Em suas obras, observa Doubrovsky,

Um ‘eu referente’ (no presente) não conta a experiência de um ‘eu referido’ (no passado), o que é a estrutura normal de uma narração autobiográfica. (...) A enunciação e o enunciado não estão separados por um necessário intervalo, mas são simultâneos” (DOUBROVSKY, 2014, p. 116).

Não haveria separação entre autobiografia e romance. Ao citar trabalhos posteriores de Lejeune, é afirmado que seria a autobiografia apenas um caso particular de romance e que, afinal, independente do rótulo atribuído – autoficção ou autobiografia – “a narrativa de si é sempre modelagem, roteirização romanesca da própria vida” (DOUBROVSKY, 2014, p. 124). Devemos, afinal, pensar em noções flexíveis para tais contextos. Além disso, podemos considerar que haveria na autoficção uma elaboração estética – e iremos utilizar o termo neste trabalho sob essa visão.

Haveria também na autoficção uma ficcionalização consciente de si. Consideremos o caso de *Retalhos*: apesar de se tratar de uma obra de cunho autobiográfico, não há nenhum comprometimento explícito em se prender estritamente a contar fatos, em ordem cronológica. Thompson utiliza sua vida, memórias e sentimentos como matéria-prima para criar uma narrativa sobre amadurecimento, auto-descoberta e descoberta do outro.

Retomemos o exemplo da já mencionada cena em que Craig se declara para Raina: partindo do pressuposto que há um pacto referencial firmado com o leitor, pressupomos que tal cena tenha acontecido – afinal, haveria uma preocupação com a semelhança com o real. Entretanto, o trabalho estético está presente, especialmente nos elementos gráficos e tipográficos. Podemos notar as fontes diferentes, que fariam referência a sentimentos de naturezas distintas; as expressões dos personagens, com especial destaque para a aflição no rosto de Raina, especialmente ao mirar a pintura feita por Craig dos dois juntos, felizes, em uma árvore. Até mesmo o fundo preto e simples da primeira página desse recorte merece atenção. A opção por utilizar uma página toda, com fundo simples, com casal no centro sob a colcha de retalhos, símbolo de seu relacionamento, contribuem para a dramaticidade e importância da cena dentro da narrativa.

Figura 2: Craig declara seu amor.



Fonte: THOMPSON, Craig. *Retalhos*. Trad. Érico Assis. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2009.

A própria colcha é inserida na narrativa com um valor simbólico, passando a ser uma metáfora do relacionamento dos dois jovens. Mesmo após sua separação, Craig não consegue desfazer-se dela por conta de tudo que ela significaria. Um elemento real – até onde sabemos, confiando no pacto referencial firmado entre Thompson e seus leitores – é tomado na narrativa sob uma perspectiva metafórica, o que constitui uma ficcionalização consciente da vida do autor. A possibilidade de poder utilizar recursos gráficos também contribui para que o autor construa suas metáforas, comparações e paralelismos – a cena em que Craig e Raina aparecem como Adão e Eva no jardim do Éden, ou a escolha de utilizar a alegoria da caverna de Platão como uma alegoria para sua própria “perda da inocência” e passagem para a vida adulta seriam bons exemplos do trabalho estético empregado na composição de *Retalhos*.

Devemos ressaltar que a memória, matéria-prima de Craig Thompson, é fragmentada e não representa a totalidade. Temos uma representação do que teria acontecido, uma vez que não se recupera a experiência. Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. No fim, o relato viria quando a experiência se perde. Contar a própria vida sob uma perspectiva de ficção seria a maneira encontrada por Thompson para fazer tal relato, mesmo que não fosse recuperar totalmente tudo aquilo que passara. Sobra a arte para preencher as lacunas.

## Considerações finais

Ao longo deste trabalho, propusemos uma leitura do romance gráfico *Retalhos*, de Craig Thompson, tendo como ponto de partida os aspectos autobiográficos da obra. Após discorrer sobre o enredo, ressaltando os pontos mais interessantes para nossa análise, e discutir a escolha do gênero romance gráfico, explicando brevemente suas origens e tradições. Em seguida, utilizando-nos das considerações de Phillippe Lejeune, discutimos os aspectos autobiográficos do romance gráfico. Também exploramos a possibilidade de se ler *Retalhos* enquanto uma obra de autoficção, visto o trabalho estético feito por Craig na narrativa e suas memórias.

Devemos ressaltar que muitos pontos de nossa análise poderiam ser aprofundados em trabalhos posteriores. A própria possibilidade de uma leitura psicanalítica da obra, exercício que iniciamos timidamente em nossa análise, seria um deles. Deixamos aberta tal proposta para futuras investigações. Também vemos como válido em uma futura investigação explorar o papel que romances gráficos como *Retalhos* teriam dentro da tradição desse gênero tão recente e em evidência nas últimas décadas, aprofundando o diálogo entre literatura e histórias em quadrinhos. Infelizmente, pelas privações de espaço advindas do próprio gênero por nós escolhido, teremos que deixar tais propostas em aberto, mas na certeza de termos apontado caminhos iniciais para tal discussão.

Acreditamos ser importante também o papel dos quadrinhos enquanto forma de se narrar memórias ou escritas de si. Percebe-se nos últimos anos um crescente número de publicações em quadrinhos que tratam de memórias pessoais de seus autores, ou de relatos de experiência, tais como o próprio *Retalhos*, *Persepolis*, de Marjane Satrapi, que também segue um viés autobiográfico.

Mesmo que o relato surja diante da perda da experiência, ou que seja fragmentado, ou ainda que não seja possível recuperar a experiência vivida, podemos ver como a arte pode contribuir para preencher tais lacunas. Ao trabalhar com os fragmentos e lembranças, transformando-os em uma narrativa – seja ela meramente escrita, ou apenas constituída de imagens, ou um híbrido – a arte torna experiências particulares em algo de apelo universal.

## REFERÊNCIAS

DOUBROVSKY, Serge. O Último Eu. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org. ). *Ensaaios sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. p. 111 – 126.

GOGGIN, Joyce, HASSLER-FOREST, Dan. Out of the Gutter: Reading Comics and Graphic Novels. In: \_\_\_\_\_. *The Rise and Reason of Comics and Graphic Literature*. Kindle Edition. Jefferson: McFarland & Company, Inc Publishers, 2010. p. 1-4.

LEJEUNE, Phillipe. O pacto autobiográfico. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. p. 15 – 55.

\_\_\_\_\_. O pacto autobiográfico (Bis). In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.): *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. p. 56 – 80.

\_\_\_\_\_. O pacto autobiográfico, 25 anos depois. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.): *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. 2 ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. p. 81 – 99.

THOMPSON, Craig. *Retalhos*. Trad. Érico Assis. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2009.

WEINER, Stephen. How the Graphic Novel Changed American Comics. In: WILLIAMS, Paul. LYONS, James. (Org.) *The Rise Of The American Comic Artist: Creators And Context*. Kindle Edition. Jackson: University Press of Mississippi, 2010. p. 3-13.

\_\_\_\_\_. Introduction: in the year 3794. In :WILLIAMS, Paul. LYONS, James. (Org.) *The Rise Of The American Comic Artist: Creators And Context*. Kindle Edition. Jackson: University Press of Mississippi, 2010. p. xi-xxiv.